

## DESMISTIFICANDO O IMAGINÁRIO SOCIAL A PARTIR DE UM PENSAMENTO DECOLONIAL SOBRE OS POVOS INDÍGENAS ANTES DA CHEGADA DE COLOMBO E CABRAL

Adrieli Santos Viana<sup>1</sup> (BEX – adrielisantosviana@gmail.com) e Victor Passuello<sup>1</sup> (PO).

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis. Avenida Brasil, nº 435, Conjunto Hélio Leão, CEP: 75862-196, Quirinópolis, Goiás.

**Resumo:** Falar sobre a história dos povos indígenas já é algo bem complicado, imagina explicar de uma maneira decolonial, quebrando aquele antigo imaginário social, ou seja, fugir da uma perspectiva europeia, dos “grandes feitos” e “heróis”, um jeito novo de narrar. Por muitos anos e até os dias de hoje, prevalece essa visão eurocêntrica que faz surgir e arraigar no pensamento, preconceitos, superioridade e inferioridade. Assim como dizer sobre os povos originários que já habitavam o continente americano e também o Brasil que não tinham história, antes de Colombo e Cabral havia uma história, a dos povos indígenas, porém é ensinado a partir da chegada dos colonizadores, esses mesmos que foram considerados “heróis” por “descobrirem” locais que já estavam habitados. Chegaram e exploraram as riquezas e recursos naturais, imporam sua fé e escravizaram os nativos. Ninguém quis saber se aqueles povos tinham sua fé, que a natureza para eles era sagrada e lhes proporcionava o essencial para viver, não tinham essa ideia capitalista de gerar lucro como o europeu, que os indígenas já estavam aqui primeiro e depois colocam o tal “herói” no pedestal, como se os colonizadores viessem para “salvar” aqueles povos “selvagens”. Foi um choque imenso o primeiro contato entre essas culturas tão diferentes, como a europeia e a indígena, houve um estranhamento, passaram por aculturação, de uma cultura absorver traços da outra, muitas vezes por imposição. Porém seria loucura achar que esses nativos eram tolos, eles resistiam, fugiam e até faziam acordos. Será que os europeus “descobriram” ou invadiram? Se realmente houvesse “descobrimento”, não seria preciso as lutas pela representatividade de povos que tiveram sua história negada e apagada intencionalmente.

**Palavras-chave:** História, decolonialidade, eurocentrismo, representatividade.

### Introdução

Trabalhar os povos indígenas não é uma tarefa fácil, principalmente nas escolas. Infelizmente o ensino ainda prioriza uma visão eurocêntrica do “descobrimento” do Brasil, que é a única parte que se aplica o conteúdo dos povos originários, de uma maneira superficial, passando por cima de muitos detalhes,

deixando o aluno acreditar que esses povos não passam de “preguiçosos”, “selvagens” e que o colonizador europeu veio para “salvá-los” do jeito que viviam. Sem contar na parte da escravidão, onde ensinam que trocaram a escravidão indígena pela dos negros africanos por conta de força física, nem sequer mencionando o real motivo, que o tráfico negreiro era mais lucrativo.

“O termo ‘índio’ apresenta uma conotação muito forte e faz com que as pessoas o associem a características negativas.” (Kaiowá, 2023, p. 3). Deve-se tomar muito cuidado com os termos a serem utilizados ao ser aplicado um conteúdo assim, pois ainda se vê sendo utilizados termos como “índio”, “tribo” e “descobrimento”. Percebe-se que são termos equivocados quando remetem ao etnocentrismo e reforçam o preconceito que foi gerado pela colonização.

A proposta decolonial vem disso, pois a colonização deixou seus resquícios e isso ficou preso na memória daqueles que viveram e vivenciaram na prática, eles que passaram para a próxima geração e assim sucessivamente, até os dias de hoje. As pessoas tem pensamentos e falas preconceituosas, pois aprenderam dessa maneira, seja com seus parentes ou até mesmo a maneira de ensinar das escolas. Todos aprenderam, todos em algum dia foram preconceituosos. A decolonialidade vem para quebrar essa visão europeia, vem valorizar e buscar representatividade aqueles que foram e ainda são subalternizados e marginalizados.

### Considerações Metodológicas

Todos tem em mente de que o ensino é precário, porém nem sempre é culpa do professor que tenta passar o conteúdo que foi dito para ele passar. Existem regras, normas e documentos que o professor deve seguir, e algumas vezes isso nem dá chance para que a aula seja ministrada de uma forma diferente.

Pessoas que gostam ou querem trabalhar com temáticas que envolvam culturas, tem que ter em mente que existe um respeito e um cuidado em relação ao uso de termos, que algumas vezes, realmente escapam. Em se tratando dos povos indígenas, não se pode chamá-los de “índio”, pois é o mesmo que dizer que existe uma só cultura indígena e não as várias, são povos diferentes com culturas diferentes. Um outro aspecto é sobre o termo “tribo” que remete ao que já

colocavam de o europeu ser “superior” aos povos originários. Não poderia ser deixado de fora, o termo “descobrimento”, que fala como se o continente, o país não estivesse habitado, e ele estava habitado pelos nativos. É sempre bom procurar inovar no vocabulário, utilizando palavras como indígenas, povos originários, comunidades, chegada ou vinda dos europeus.

Mas não é só isso, não é só a questão do respeito, é estudar historicamente sobre esses povos. Eles não eram ingênuos como dizem em alguns livros didáticos, muito pelo contrário, eram espertos a ponto de negociar, fazer trocas, até mesmo resistência, como as fugas e o sincretismo religioso. Aconteceu muito na América, alguns povos indígenas eram menores que outros, e esses que eram maiores levavam os menores para o trabalho escravo, que era a mita, onde eles trabalhavam por um tempo determinado e depois tinham um tempo para descansar e se recuperar, algumas vezes para sacrifícios também, sacrifícios esses que não era matar por matar, eles eram dedicados as suas divindades, para acalmar os espíritos. “A prática do sacrifício, provém da crença de que o sangue é primordial para o funcionamento do universo.” (Navarro, 2024, p. 59). Esses que eram menores sentiam raiva e depois se juntam, fazem acordo com os europeus para que fossem capturados e escravizados agora, os maiores, ou seja, os Maias, Astecas e Incas.

“Questiona-se por que é que até hoje os indígenas são preguiçosos. Tal enfoque é pautado nos alicerces capitalistas, no conceito de lucro.” (Kaiowá, 2023, p. 33). Também é importante lembrar que a intenção do europeu era de exploração, ou seja, explorar as riquezas e recursos naturais para gerar lucro e assim fazer com que o capitalismo funcionasse, o que é diferente para os povos indígenas, que muitos acreditam serem “preguiçosos”, porque para eles a natureza é sagrada e lhes dá o essencial para viver.

Houve um apagamento intencional da história dos povos originários, negando e renegando várias vezes, ao ser ressaltada apenas a história dos “grandes feitos” e “heróis”, a partir da chegada dos europeus. Antes não havia uma história então? Os europeus, ao contrário do que se aprende, não “descobriram” os locais que já estavam habitados. Há uma história antes dos colonizadores, a dos povos indígenas.

## Resultados e Discussão

É “comum” vermos o Dia dos Povos Indígenas ser “comemorado” nas escolas com pinturas de rosto e músicas infantis? Sim, mas não dá para dizer bem a palavra “comum”, pois é como se estivesse banalizado, pois foi tanto tempo algo sendo trabalhado da mesma forma. Não se pode dizer também que há uma “comemoração”, pois não se “comemora” o preconceito, o apagamento intencional que os europeus fizeram da história dos povos indígenas, é um dia de reflexão, para lembrar a luta desses povos. Porém eles não querem “comemoração”, eles querem respeito e visibilidade, querem seus direitos, principalmente o direito de ter sua própria história. A Lei 11.645/2008 tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. É uma conquista muito grande, e ela deve ser aplicada no ensino, o que muitas vezes não acontece. “O processo de incorporação de direitos estabelece o rol de componentes que definirão a igualdade.” (Botelho et al, 2012, p. 32).

É por isso que esse projeto de extensão existe, é para que professores e alunos da universidade saiam de sua zona de conforto e tenham um maior contato com a comunidade escolar, vendo de perto os desafios enfrentados e procurando ao máximo abordar temas como esse que passam despercebidos, a partir de uma forma mais dinâmica e lúdica, com palestras que chamem a atenção desses alunos para o conteúdo.

## Considerações Finais

É muito gratificante ver como os alunos agem e interagem em momentos que fogem de sua rotina escolar, como eles aprendem e absorvem rápido os conteúdos, a forma de se interessarem e suas perguntas sempre pertinentes. “Interessante é pensar que, em meados da década de 1920 estávamos a um passo do apartheid social, e em 1930 nos transformaríamos em ‘modelo de democracia racial’.” (Botelho et al, 2012, p. 103).

Realmente, a intenção do projeto é trabalhar a representatividade de povos que foram subalternizados, marginalizados, e também conversar com essa comunidade escolar, falando da importância que conteúdos assim apresentam, que

o conhecimento é sempre válido e só tem a acrescentar, tanto para os alunos, quanto para os professores também, que sempre aprendem coisas novas.

### Agradecimentos

Agradeço a UEG pela disponibilização de bolsas, ao meu orientador e as escolas que disponibilizam espaço para que projetos como esse aconteçam.

### Referências

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moricz. **Cidadania, um projeto em construção**. Editora Claro Enigma. 1º edição. 147 páginas. São Paulo. 2012.

KAIOWÁ, Álvaro de Azevedo Gonzaga. **Decolonialismo Indígena**. Editora Matriosca. 3º edição. 170 páginas. São Paulo. 2023.

NAVARRO, Alexandre Guida. **Civilizações Pré-Colombianas**. Editora Contexto. 1º edição. 160 páginas. São Paulo. 2024.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo na América Latina**. Buenos Aires. 2005.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. **A crise do sistema colonial e o processo de independência na América**. Porto Alegre. 2003.